

⁸ E voltando o rei do jardim do palácio ao salão do banquete, viu Hamã caído sobre o assento onde Ester estava reclinada. E então exclamou: “Chegaria ele ao cúmulo de violentar a rainha na minha presença e em minha própria casa?”

Mal o rei terminou de dizer isso, alguns oficiais cobriram o rosto de Hamã. ⁹ E um deles, chamado Harbona, que estava a serviço do rei, disse: “Há uma força de mais de vinte metros^a de altura junto à casa de Hamã, que ele fez para Mardoqueu, aquele que intercedeu pela vida do rei”.

Então o rei ordenou: “Enforcem-na nela!” ¹⁰ Assim Hamã morreu na forca que tinha preparado para Mardoqueu; e a ira do rei se acalmou.

Capítulo 8

O Decreto do Rei em Favor dos Judeus

¹ Naquele mesmo dia, o rei Xerxes deu à rainha Ester todos os bens de Hamã, o inimigo dos judeus. E Mardoqueu foi trazido à presença do rei, pois Ester lhe dissera que ele era seu parente. ² O rei tirou seu anel-selo, que havia tomado de Hamã, e o deu a Mardoqueu; e Ester o nomeou administrador dos bens de Hamã.

³ Mas Ester tornou a implorar ao rei, chorando aos seus pés, que revogasse o plano maligno de Hamã, o agagita, contra os judeus. ⁴ Então o rei estendeu o cetro de ouro para Ester, e ela se levantou diante dele e disse:

⁵ “Se for do agrado do rei, se posso contar com o seu favor, e se ele considerar justo, que se escreva uma ordem revogando as cartas que Hamã, filho do agagita Hamedata, escreveu para que os judeus fossem exterminados em todas as províncias do império. ⁶ Pois, como suportarei ver a desgraça que cairá sobre o meu povo? Como suportarei a destruição da minha própria família?”

⁷ O rei Xerxes respondeu à rainha Ester e ao judeu Mardoqueu: “Mandei enforcar Hamã e dei os seus bens a Ester porque ele atentou contra os judeus. ⁸ Escrevam agora outro decreto em nome do rei, em favor dos judeus, como melhor lhes parecer, e selem-no com o anel-selo do rei, pois nenhum documento escrito em nome do rei e selado com o seu anel pode ser revogado”.

⁹ Isso aconteceu no vigésimo terceiro dia do terceiro mês, o mês de sivã^b. Os secretários do rei foram imediatamente convocados e escreveram todas as ordens de Mardoqueu aos judeus, aos sátrapas, aos governadores e aos nobres das cento e vinte e sete províncias que se estendiam da Índia até a Etiópia^c. Essas ordens foram redigidas na língua e na escrita de cada província e de cada povo, e também na língua e na escrita dos judeus. ¹⁰ Mardoqueu escreveu em nome do rei Xerxes, selou as cartas com o anel-selo do rei, e as enviou por meio de mensageiros montados em cavalos velozes, das estrebarias do próprio rei.

¹¹ O decreto do rei concedia aos judeus de cada cidade o direito de se reunirem e de se protegerem, de destruir, matar e aniquilar qualquer força armada de qualquer povo ou província que os ameaçasse, a eles, suas mulheres e seus filhos^d, e o direito de saquear os bens dos seus inimigos. ¹² O decreto entrou em vigor nas províncias do rei Xerxes no décimo terceiro dia do décimo segundo mês, o mês de adar^e. ¹³ Uma cópia do decreto foi publicada como lei em cada província e levada ao conhecimento do povo de cada nação, a fim de que naquele dia os judeus estivessem prontos para vingar-se dos seus inimigos.

¹⁴ Os mensageiros, montando cavalos das estrebarias do rei, saíram a galope, por causa da ordem do rei. O decreto também foi publicado na cidadela de Susã.

¹⁵ Mardoqueu saiu da presença do rei usando vestes reais em azul e branco, uma grande coroa de ouro e um manto púrpura de linho fino. E a cidadela de Susã exultava de alegria. ¹⁶ Para os judeus foi uma ocasião de felicidade, alegria, júbilo e honra. ¹⁷ Em cada província e em cada cidade, onde quer que chegasse o decreto do rei, havia alegria e júbilo entre os judeus, com banquetes e festas. Muitos que pertenciam a outros povos do reino tornaram-se judeus, porque o temor dos judeus tinha se apoderado deles.

Capítulo 9

A Vitória dos Judeus

¹ No décimo terceiro dia do décimo segundo mês, o mês de adar^f, entraria em vigor o decreto do rei. Naquele dia os inimigos dos judeus esperavam vencê-los, mas aconteceu o contrário: os judeus dominaram aqueles que os odiavam, ² reunindo-se em suas cidades, em todas as províncias do rei Xerxes, para atacar os que buscavam a sua destruição. Ninguém conseguia resistir-lhes, porque todos os povos estavam com medo deles. ³ E todos os nobres das províncias, os sátrapas, os

^a **7.9** Hebraico: *50 côvados*. O côvado era uma medida linear de cerca de 45 centímetros.

^b **8.9** Aproximadamente maio/junho.

^c **8.9** Hebraico: *Cuxe*.

^d **8.11** Ou *inclusive mulheres e crianças*

^e **8.12** Aproximadamente fevereiro/março.

^f **9.1** Aproximadamente fevereiro/março; também nos versículos 15, 17, 19 e 21.

governadores e os administradores do rei apoiaram os judeus, porque o medo que tinham de Mardoqueu havia se apoderado deles. ⁴ Mardoqueu era influente no palácio; sua fama espalhou-se pelas províncias, e ele se tornava cada vez mais poderoso.

⁵ Os judeus feriram todos os seus inimigos à espada, matando-os e destruindo-os, e fizeram o que quiseram com eles. ⁶ Na cidadela de Susã os judeus mataram e destruíram quinhentos homens. ⁷ Também mataram Parsandata, Dalfom, Aspata, ⁸ Porata, Adalia, Aridata, ⁹ Farmasta, Arisai, Aridai e Vaisata, ¹⁰ os dez filhos de Hamã, filho de Hamedata, o inimigo dos judeus. Mas não se apossaram dos seus bens.

¹¹ Naquele mesmo dia o total de mortos na cidadela de Susã foi relatado ao rei, ¹² que disse à rainha Ester: “Os judeus mataram e destruíram quinhentos homens e os dez filhos de Hamã na cidadela de Susã. Que terão feito nas outras províncias do império? Agora, diga qual é o seu pedido, e você será atendida. Tem ainda algum desejo? Este lhe será concedido”.

¹³ Respondeu Ester: “Se for do agrado do rei, que os judeus de Susã tenham autorização para executar também amanhã o decreto de hoje, para que os corpos dos dez filhos de Hamã sejam pendurados na forca”.

¹⁴ Então o rei deu ordens para que assim fosse feito. O decreto foi publicado em Susã, e os corpos dos dez filhos de Hamã foram pendurados na forca. ¹⁵ Os judeus de Susã ajuntaram-se no décimo quarto dia do mês de adar e mataram trezentos homens em Susã, mas não se apossaram dos seus bens.

¹⁶ Enquanto isso, o restante dos judeus que viviam nas províncias do império, também se ajuntaram para se protegerem e se livrarem dos seus inimigos. Eles mataram setenta e cinco mil deles, mas não se apossaram dos seus bens. ¹⁷ Isso aconteceu no décimo terceiro dia do mês de adar, e no décimo quarto dia descansaram e fizeram dessa data um dia de festa e de alegria.

A Comemoração do Purim

¹⁸ Os judeus de Susã, porém, tinham se reunido no décimo terceiro e no décimo quarto dias, e no décimo quinto descansaram e dele fizeram um dia de festa e de alegria.

¹⁹ Por isso os judeus que vivem em vilas e povoados comemoram o décimo quarto dia do mês de adar como um dia de festa e de alegria, um dia de troca de presentes.

²⁰ Mardoqueu registrou esses acontecimentos e enviou cartas a todos os judeus de todas as províncias do rei Xerxes, próximas e distantes, ²¹ determinando que anualmente se comemorassem o décimo quarto e o décimo quinto dias do mês de adar, ²² pois nesses dias os judeus livraram-se dos seus inimigos; nesse mês a sua tristeza tornou-se em alegria, e o seu pranto, num dia de festa. Escreveu-lhes dizendo que comemorassem aquelas datas como dias de festa e de alegria, de troca de presentes e de ofertas aos pobres.

²³ E assim os judeus adotaram como costume aquela comemoração, conforme o que Mardoqueu lhes tinha ordenado por escrito. ²⁴ Pois Hamã, filho do agagita Hamedata, inimigo de todos os judeus, tinha tramado contra eles para destruí-los e tinha lançado o pur, isto é, a sorte para a ruína e destruição deles. ²⁵ Mas quando isso chegou ao conhecimento do rei^a, ele deu ordens escritas para que o plano maligno de Hamã contra os judeus se voltasse contra a sua própria cabeça, e para que ele e seus filhos fossem enforcados. ²⁶ Por isso aqueles dias foram chamados Purim, da palavra pur. Considerando tudo o que estava escrito nessa carta, o que tinham visto e o que tinha acontecido, ²⁷ os judeus decidiram estabelecer o costume de que eles e os seus descendentes e todos os que se tornassem judeus não deixariam de comemorar anualmente esses dois dias, na forma prescrita e na data certa. ²⁸ Esses dias seriam lembrados e comemorados em cada família de cada geração, em cada província e em cada cidade, e jamais deveriam deixar de ser comemorados pelos judeus. E os seus descendentes jamais deveriam esquecer-se de tais dias.

²⁹ Então a rainha Ester, filha de Abiail, e o judeu Mardoqueu escreveram com toda a autoridade uma segunda carta para confirmar a primeira, acerca do Purim. ³⁰ Mardoqueu enviou cartas a todos os judeus das cento e vinte e sete províncias do império de Xerxes, desejando-lhes paz e segurança, ³¹ e confirmando que os dias de Purim deveriam ser comemorados nas datas determinadas, conforme o judeu Mardoqueu e a rainha Ester tinham decretado e estabelecido para si mesmos, para todos os judeus e para os seus descendentes, e acrescentou observações sobre tempos de jejum e de lamentação. ³² O decreto de Ester confirmou as regras do Purim, e isso foi escrito nos registros.

Capítulo 10

A Grandeza de Mardoqueu

¹ O rei Xerxes impôs tributos a todo o império, até sobre as distantes regiões costeiras. ² Todos os seus atos de força e de poder, e o relato completo da grandeza de Mardoqueu, a quem o rei dera autoridade, estão registrados no livro das crônicas dos reis da Média e da Pérsia. ³ O judeu Mardoqueu foi o segundo na hierarquia, depois do rei Xerxes. Era homem importante entre os judeus e foi muito amado por eles, pois trabalhou para o bem do seu povo e promoveu o bem-estar de todos.

^a9.25 Ou *quando Ester foi à presença do rei*

JÓ

Capítulo 1

Introdução

¹ Na terra de Uz vivia um homem chamado Jó. Era homem íntegro e justo; temia a Deus e evitava fazer o mal. ² Tinha ele sete filhos e três filhas, ³ e possuía sete mil ovelhas, três mil camelos, quinhentas juntas de boi e quinhentos jumentos, e tinha muita gente a seu serviço. Era o homem mais rico do oriente.

⁴ Seus filhos costumavam dar banquetes em casa, um de cada vez, e convidavam suas três irmãs para comerem e beberem com eles. ⁵ Terminado um período de banquetes, Jó mandava chamá-los e fazia com que se purificassem. De madrugada ele oferecia um holocausto^a em favor de cada um deles, pois pensava: “Talvez os meus filhos tenham, lá no íntimo, pecado e amaldiçoado a Deus”. Essa era a prática constante de Jó.

A Primeira Provação de Jó

⁶ Certo dia os anjos^b vieram apresentar-se ao SENHOR, e Satanás^c também veio com eles. ⁷ O SENHOR disse a Satanás: “De onde você veio?”

Satanás respondeu ao SENHOR: “De perambular pela terra e andar por ela”.

⁸ Disse então o SENHOR a Satanás: “Reparou em meu servo Jó? Não há ninguém na terra como ele, irrepreensível, íntegro, homem que teme a Deus e evita o mal”.

⁹ “Será que Jó não tem razões para temer a Deus?”, respondeu Satanás. ¹⁰ “Acaso não puseste uma cerca em volta dele, da família dele e de tudo o que ele possui? Tu mesmo tens abençoado tudo o que ele faz, de modo que os seus rebanhos estão espalhados por toda a terra. ¹¹ Mas estende a tua mão e fere tudo o que ele tem, e com certeza ele te amaldiçoará na tua face.”

¹² O SENHOR disse a Satanás: “Pois bem, tudo o que ele possui está nas suas mãos; apenas não toque nele”.

Então Satanás saiu da presença do SENHOR.

¹³ Certo dia, quando os filhos e as filhas de Jó estavam num banquete, comendo e bebendo vinho na casa do irmão mais velho, ¹⁴ um mensageiro veio dizer a Jó: “Os bois estavam arando e os jumentos estavam pastando por perto, ¹⁵ quando os sabeus os atacaram e os levaram embora. Mataram à espada os empregados, e eu fui o único que escapou para lhe contar!”

¹⁶ Enquanto ele ainda estava falando, chegou outro mensageiro e disse: “Fogo de Deus caiu do céu e queimou totalmente as ovelhas e os empregados, e eu fui o único que escapou para lhe contar!”

¹⁷ Enquanto ele ainda estava falando, chegou outro mensageiro e disse: “Vieram caldeus em três bandos, atacaram os camelos e os levaram embora. Mataram à espada os empregados, e eu fui o único que escapou para lhe contar!”

¹⁸ Enquanto ele ainda estava falando, chegou ainda outro mensageiro e disse: “Seus filhos e suas filhas estavam num banquete, comendo e bebendo vinho na casa do irmão mais velho, ¹⁹ quando, de repente, um vento muito forte veio do deserto e atingiu os quatro cantos da casa, que desabou. Eles morreram, e eu fui o único que escapou para lhe contar!”

²⁰ Ao ouvir isso, Jó levantou-se, rasgou o manto e rapou a cabeça. Então prostrou-se, rosto em terra, em adoração, ²¹ e disse:

“Saí nu do ventre da minha mãe,
e nu partirei^d.”

O SENHOR o deu, o SENHOR o levou;
louvado seja o nome do SENHOR.”

²² Em tudo isso Jó não pecou e não culpou a Deus de coisa alguma.

Capítulo 2

A Segunda Provação de Jó

¹ Num outro dia os anjos^e vieram apresentar-se ao SENHOR, e Satanás também veio com eles para apresentar-se. ² O SENHOR perguntou a Satanás, “De onde você veio?”

Satanás respondeu ao SENHOR: “De perambular pela terra e andar por ela”.

^a 1.5 Isto é, sacrifício totalmente queimado.

^b 1.6 Hebraico: *os filhos de Deus*.

^c 1.6 Satanás significa *acusador*.

^d 1.21 Ou *nu voltarei para lá*

^e 2.1 Hebraico: *os filhos de Deus*.

³ Disse então o SENHOR a Satanás: “Reparou em meu servo Jó? Não há ninguém na terra como ele, irrepreensível, íntegro, homem que teme a Deus e evita o mal. Ele se mantém íntegro, apesar de você me haver instigado contra ele para arruiná-lo sem motivo”.

⁴ “Pele por pele!”, respondeu Satanás. “Um homem dará tudo o que tem por sua vida. ⁵ Estende a tua mão e fere a sua carne e os seus ossos, e com certeza ele te amaldiçoará na tua face.”

⁶ O SENHOR disse a Satanás: “Pois bem, ele está nas suas mãos; apenas poupe a vida dele”.

⁷ Saiu, pois, Satanás da presença do SENHOR e afligiu Jó com feridas terríveis, da sola dos pés ao alto da cabeça. ⁸ Então Jó apanhou um caco de louça e com ele se raspava, sentado entre as cinzas.

⁹ Então sua mulher lhe disse: “Você ainda mantém a sua integridade? Amaldiçoe a Deus, e morra!”

¹⁰ Ele respondeu: “Você fala como uma insensata. Aceitaremos o bem dado por Deus, e não o mal?”

Em tudo isso Jó não pecou com seus lábios.

Os Amigos de Jó

¹¹ Quando três amigos de Jó, Elifaz, de Temã, Bildade, de Suá, e Zofar, de Naamate, souberam de todos os males que o haviam atingido, saíram, cada um da sua região. Combinaram encontrar-se para, juntos, irem mostrar solidariedade a Jó e consolá-lo. ¹² Quando o viram à distância, mal puderam reconhecê-lo e começaram a chorar em alta voz. Cada um deles rasgou seu manto e colocou terra sobre a cabeça. ¹³ Depois os três se assentaram no chão com ele, durante sete dias e sete noites. Ninguém lhe disse uma palavra, pois viam como era grande o seu sofrimento.

Capítulo 3

O Discurso de Jó

¹ Depois disso Jó abriu a boca e amaldiçoou o dia do seu nascimento, ² dizendo:

³ “Pereça o dia do meu nascimento
e a noite em que se disse:
‘Nasceu um menino!’

⁴ Transforme-se aquele dia em trevas,
e Deus, lá do alto,
não se importe com ele;
não resplandeça a luz sobre ele.

⁵ Chamem-no de volta as trevas
e a mais densa escuridão^a;
coloque-se uma nuvem sobre ele
e o negrume aterrorize a sua luz.

⁶ Apoderem-se daquela noite
densas trevas!
Não seja ela incluída
entre os dias do ano,
nem faça parte de nenhum dos meses.

⁷ Seja aquela noite estéril,
e nela não se ouçam brados de alegria.

⁸ Amaldiçoem aquele dia
os que amaldiçoam os dias^b
e são capazes de atizar o Leviatã^c.

⁹ Fiquem escuras
as suas estrelas matutinas,
espere ele em vão pela luz do sol
e não veja os primeiros raios
da alvorada,
¹⁰ pois não fechou as portas
do ventre materno
para evitar

^a 3.5 Ou *e a sombra da morte*

^b 3.8 Ou *o mar*

^c 3.8 Ou *monstro marinho*

que eu contemplasse males.

¹¹ “Por que não morri ao nascer,
e não pereci quando saí do ventre?

¹² Por que houve joelhos
para me receberem
e seios para me amamentarem?

¹³ Agora eu bem poderia
estar deitado em paz

e achar repouso

¹⁴ junto aos reis e conselheiros da terra,
que construíram para si

lugares que agora jazem em ruínas,

¹⁵ com governantes que possuíam ouro,
que enchiam suas casas de prata.

¹⁶ Por que não me sepultaram
como criança abortada,
como um bebê

que nunca viu a luz do dia?

¹⁷ Ali os ímpios já não se agitam,
e ali os cansados

permanecem em repouso;

¹⁸ os prisioneiros também
desfrutam sossego,

já não ouvem mais os gritos
do feitor de escravos.

¹⁹ Os simples e os poderosos ali estão,
e o escravo está livre do seu senhor.

²⁰ “Por que se dá luz aos infelizes,
e vida aos de alma amargurada,

²¹ aos que anseiam pela morte
e esta não vem,

e a procuram mais

do que a um tesouro oculto,

²² aos que se enchem de alegria
e exultam quando vão
para a sepultura?

²³ Por que se dá vida àquele
cujo caminho é oculto,
e a quem Deus fechou as saídas?

²⁴ Pois me vêm suspiros
em vez de comida;

meus gemidos
transbordam como água.

²⁵ O que eu temia veio sobre mim;
o que eu receava me aconteceu.

²⁶ Não tenho paz,
nem tranquilidade, nem descanso;
somente inquietação”.

Capítulo 4

Elifaz

¹ Então respondeu Elifaz, de Temã:

² “Se alguém se aventurar

a dizer-lhe uma palavra,
você ficará impaciente?
Mas quem pode refrear as palavras?
³ Pense bem! Você ensinou a tantos;
fortaleceu mãos fracas.
⁴ Suas palavras davam firmeza
aos que tropeçavam;
você fortaleceu joelhos vacilantes.
⁵ Mas agora que se vê em dificuldade,
você desanima;
quando você é atingido,
fica prostrado.
⁶ Sua vida piedosa
não lhe inspira confiança?
E o seu procedimento irrepreensível
não lhe dá esperança?

⁷ “Refleta agora:
Qual foi o inocente
que chegou a perecer?
Onde os íntegros
sofreram destruição?

⁸ Pelo que tenho observado,
quem cultiva o mal e semeia maldade,
isso também colherá.
⁹ Pelo sopro de Deus são destruídos;
pelo vento de sua ira eles perecem.
¹⁰ Os leões podem rugir e rosnar,
mas até os dentes dos leões fortes
se quebram.
¹¹ O leão morre por falta de presa,
e os filhotes da leoa se dispersam.

¹² “Disseram-me uma palavra
em segredo,
da qual os meus ouvidos
captaram um murmúrio.
¹³ Em meio a sonhos perturbadores da noite,
quando cai sono profundo
sobre os homens,
¹⁴ temor e tremor
se apoderaram de mim
e fizeram estremecer
todos os meus ossos.
¹⁵ Um espírito^a roçou o meu rosto,
e os pêlos do meu corpo
se arrepiaram.
¹⁶ Ele parou,
mas não pude identificá-lo.
Um vulto se pôs
diante dos meus olhos,
e ouvi uma voz suave, que dizia:
¹⁷ ‘Poderá algum mortal
ser mais justo que Deus?

^a 4.15 Ou *vento*

Poderá algum homem ser mais puro
que o seu Criador?
¹⁸ Se Deus não confia em seus servos,
se vê erro em seus anjos e os acusa,
¹⁹ quanto mais nos que moram
em casas de barro,
cujos alicerces estão no pó!
São mais facilmente esmagados
que uma traça!
²⁰ Entre o alvorecer e o crepúsculo
são despedaçados;
perecem para sempre,
sem ao menos serem notados.
²¹ Não é certo que as cordas
de suas tendas
são arrancadas,
e eles morrem sem sabedoria?^a

Capítulo 5

¹ “Clame, se quiser,
mas quem o ouvirá?
Para qual dos seres celestes^b
você se voltará?
² O ressentimento mata o insensato,
e a inveja destrói o tolo.
³ Eu mesmo já vi
um insensato lançar raízes,
mas de repente a sua casa
foi amaldiçoada.
⁴ Seus filhos longe estão
de desfrutar segurança,
maltratados nos tribunais,
não há quem os defenda.
⁵ Os famintos devoram a sua colheita,
tirando-a até do meio dos espinhos,
e os sedentos sugam a sua riqueza.
⁶ Pois o sofrimento não brota do pó,
e as dificuldades não nascem do chão.
⁷ No entanto, o homem nasce
para as dificuldades
tão certamente como as fagulhas
voam para cima.
⁸ “Mas, se fosse comigo,
eu apelaria para Deus;
apresentaria a ele a minha causa.
⁹ Ele realiza maravilhas insondáveis,
milagres que não se pode contar.
¹⁰ Derrama chuva sobre a terra,
e envia água sobre os campos.
¹¹ Os humildes, ele os exalta,
e traz os que pranteiam
a um lugar de segurança.

^a **4.21** Alguns sugerem que o discurso de Elifaz termina no versículo 17.

^b **5.1** Hebraico: *santos*.

¹² Ele frustra os planos dos astutos,
para que fracassem as mãos deles.
¹³ Apanha os sábios na astúcia deles,
e as maquinações dos astutos
são malogradas por sua precipitação.
¹⁴ As trevas vêm sobre eles
em pleno dia;
ao meio-dia eles tateiam
como se fosse noite.
¹⁵ Ele salva o oprimido
da espada
que trazem na boca;
salva-o das garras dos poderosos.
¹⁶ Por isso os pobres têm esperança,
e a injustiça cala a própria boca.

¹⁷ “Como é feliz o homem
a quem Deus corrige;
portanto, não despreze
a disciplina do Todo-poderoso^a.
¹⁸ Pois ele fere,
mas trata do ferido;
ele machuca,
mas suas mãos também curam.
¹⁹ De seis desgraças ele o livrará;
em sete delas você nada sofrerá.
²⁰ Na fome ele o livrará da morte,
e na guerra o livrará
do golpe da espada.
²¹ Você será protegido
do açoite da língua,
e não precisará ter medo
quando a destruição chegar.
²² Você rirá da destruição e da fome,
e não precisará temer as feras da terra.
²³ Pois fará aliança
com as pedras do campo,
e os animais selvagens
estarão em paz com você.
²⁴ Você saberá que a sua tenda
é segura;
contará os bens da sua morada
e de nada achará falta.
²⁵ Você saberá que
os seus filhos serão muitos,
e que os seus descendentes
serão como a relva da terra.
²⁶ Você irá para a sepultura
em pleno vigor,
como um feixe recolhido
no devido tempo.

²⁷ “Verificamos isso e vimos
que é verdade.

^a 5.17 Hebraico: *Shaddai*; também em todo o livro de Jó.

Portanto, ouça e aplique isso
à sua vida”.

Capítulo 6

Jó

¹ Então Jó respondeu:

² “Se tão-somente pudessem
 pesar a minha aflição
e pôr na balança a minha desgraça!

³ Veriam que o seu peso é maior
 que o da areia dos mares.
Por isso as minhas palavras
 são tão impetuosas.

⁴ As flechas do Todo-poderoso
 estão cravadas em mim,
e o meu espírito suga delas o veneno;
os terrores de Deus
 me assediam.

⁵ Zurra o jumento selvagem,
 se tiver capim?
Muge o boi, se tiver forragem?

⁶ Come-se sem sal
 uma comida insípida?
E a clara do ovo, tem algum sabor?

⁷ Recuso-me a tocar nisso;
esse tipo de comida
 causa-me repugnância.

⁸ “Se tão-somente fosse atendido
 o meu pedido,
se Deus me concedesse o meu desejo,
⁹ se Deus se dispusesse a esmagar-me,
a soltar a mão protetora
 e eliminar-me!

¹⁰ Pois eu ainda teria o consolo,
 minha alegria
em meio à dor implacável,
 de não ter negado
 as palavras do Santo.

¹¹ “Que esperança posso ter,
 se já não tenho forças?
Como posso ter paciência,
 se não tenho futuro?

¹² Acaso tenho a força da pedra?
Acaso a minha carne é de bronze?

¹³ Haverá poder que me ajude,
agora que os meus recursos se foram?

¹⁴ “Um homem desesperado
 deve receber
 a compaixão de seus amigos,
muito embora ele tenha abandonado
 o temor do Todo-poderoso.

¹⁵ Mas os meus irmãos enganaram-me

como riachos temporários,
como os riachos que transbordam
¹⁶ quando o degelo os torna turvos
e a neve que se derrete os faz encher,
¹⁷ mas que param de fluir
no tempo da seca,
e no calor desaparecem
dos seus leitos.
¹⁸ As caravanas se desviam
de suas rotas;
sobem para lugares desertos
e perecem.
¹⁹ Procuram água
as caravanas de Temá,
olham esperançosos
os mercadores de Sabá.
²⁰ Ficam tristes,
porque estavam confiantes;
lá chegaram tão-somente
para sofrer decepção.
²¹ Pois agora vocês
de nada me valeram;
contemplam minha temível situação,
e se enchem de medo.
²² Alguma vez lhes pedi
que me dessem alguma coisa?
Ou que da sua riqueza
pagassem resgate por mim?
²³ Ou que me livrassem
das mãos do inimigo?
Ou que me libertassem das garras
de quem me oprime?
²⁴ “Ensinem-me,
e eu me calarei;
mostrem-me onde errei.
²⁵ Como doem as palavras verdadeiras!
Mas o que provam
os argumentos de vocês?
²⁶ Vocês pretendem corrigir o que digo
e tratar como vento
as palavras de um homem
desesperado?
²⁷ Vocês seriam capazes
de pôr em sorteio o órfão
e de vender um amigo
por uma bagatela!
²⁸ “Mas agora,
tenham a bondade
de olhar para mim.
Será que eu mentiria
na frente de vocês?
²⁹ Reconsiderem a questão,
não sejam injustos;
tornem a analisá-la,